

**Rio+20: entre a Cúpula dos Povos e a Economia Verde**

*Por Renata Albuquerque e Wallace da Silva Mello (LABMUNDO-RJ)*

Entre os dias 20 e 22 de junho, os chefes de Estado mundiais se reuniram no Rio de Janeiro para a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, chamada Rio +20, numa tentativa de discutir e estabelecer compromissos políticos para a sustentabilidade. O objetivo da Conferência era trilhar os caminhos para que as futuras gerações tenham a possibilidade de suprir suas necessidades a partir dos recursos naturais como fazemos hoje em dia.

As discussões da chamada “economia verde” giraram em torno de duas posições, primeiro a ideia de que o progresso tecnológico seria capaz de responder à essas necessidades e, segundo, a proposição de que há limites que não podem ser ultrapassados, sendo necessária a redução do consumo e medidas mais firmes para tentar manter o sistema econômico poupando o meio ambiente de mais desastres.

Ao mesmo tempo, ocorria na cidade um tipo de mobilização “alternativa” à Conferência, denominada “Cúpula dos Povos”. Este movimento contou com ONGs, pessoas da sociedade civil e os mais variados movimentos sociais, principalmente da América do Sul, que criticavam a reunião da ONU, argumentando que esta não trataria do assunto de maneira profunda. Este grupo defende que seria necessário revisar o sistema econômico como um todo, pois este seria responsável pelas mudanças ambientais que estão ocorrendo já que se baseia num consumo desenfreado sem respeito ao meio ambiente e aos problemas sociais que ele gera.

Dessa maneira, o que ficava visível na Cúpula era uma tentativa de criticar e, ao mesmo tempo, propor soluções (ainda que específicas) aos desafios gerados pelo sistema econômico vigente. Reunidos no aterro do Flamengo, os movimentos sociais organizados apresentaram diversas reuniões, debates e plenárias abertas ao público numa tentativa de mobilizar ainda mais pessoas da sociedade civil, chamando a população para discutir um problema que afeta diretamente a vida de todos. Além de shows, apresentações de grupos indígenas, teatro, outras atividades culturais foram realizadas no local.

Na quarta-feira, 20 de Junho, foi realizada na Avenida Rio Branco, a “Marcha dos Povos” que contou com 80 mil pessoas, o mais impressionante era perceber os mais variados movimentos sociais unidos em caminhada, provando, principalmente, que a sociedade está atenta às decisões que estão sendo tomadas e, principalmente, que não estão sendo tomadas nas reuniões que, de alguma maneira, decidem e influenciam a vida de cada pessoa do mundo.

Em outra parte da cidade, especificamente no Rio Centro, os líderes mundiais se reuniam e conversavam acerca de um documento fortemente criticado como pouco ambicioso pelo próprio Secretário geral da ONU Ban ki-moon. Além disso, a postura da diplomacia brasileira, anfitriã responsável por dirigir as negociações, parecia estar mais preocupada em conversar sobre consensos superficiais do que apresentar um documento que, de fato, construísse uma Conferência decisiva.

O documento aprovado ao fim das reuniões despertou frustração em alguns setores da sociedade sofrendo críticas até da imprensa pois, segundo estes setores, o documento apenas apresentava um processo burocrático de negociação sem substância, como se estivessem realizando apenas uma prestação de contas para responder à sociedade, deixando de lado uma mudança efetiva que significasse melhorias para o meio ambiente.

Com o fim da Conferência e suas organizações alternativas o que fica para a cidade do Rio de Janeiro e, principalmente, para as gerações futuras é a certeza que há um debate sobre as diferentes propostas para solucionar o problema dos desastres ambientais, cabe à sociedade se mobilizar para que as discussões não se limitem à retórica. ■